

## Parte I - Fábricas de interiores: montagens e desmontes

Práticas pedagógicas da psicossociologia nos anos 60 e 70

Marília Novais da Mata Machado

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MACHADO, MNM. Práticas pedagógicas da psicossociologia nos anos 60 e 70. In JACÓ-VILELA, AM., CEREZZO, AC., and RODRIGUES, HBC., orgs. *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 25-32. ISBN: 978-85-7982-061-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA PSICOSSOCIOLOGIA NOS ANOS 60 E 70

*Marília Novais da Mata Machado \**

*Na época da faculdade (1968), descobri novos rumos [...]. Logo conheci o pessoal da Sociologia, Ciências Políticas e Filosofia que circulava ao redor de Célio Garcia, chefe do setor de Psicologia Social da FAFICH/UFG. Ali no setor —e não no Departamento de Psicologia— as coisas ‘aconteciam’. Minha admiração e estima por Célio sempre foi e continua grande: fala mansa, elegante e simpático. Encontrava-se constantemente às voltas com intercâmbios Brasil / França [...]. A entrada no ‘Setor’ era livre, sem maiores complicações e burocracia. Convivíamos, professores, pesquisadores e estagiários, sem grandes hierarquias e possuíamos grandes sonhos: autogestão da universidade, derrubada dos muros dos hospitais psiquiátricos...*

*Esther Maria de M. Arantes. Memorial.*

**M**ais de 30 anos se passaram desde a criação do setor de Psicologia Social ou, simplesmente, setor, como o grupo se autodenominava, ou, ainda, turma do Célio Garcia ou da Psicologia Social, como era conhecido na UFG. O setor é lembrado com carinho pelos muitos que por lá passaram. Idealizado ou não, ele teve uma existência real e concreta, foi parte de uma formação sócio-histórica e se instituiu como temporalidade singular. Teve um projeto e o realizou. Foi transdisciplinar, profissionalizante, combativo.

Enquanto instituição, tinha como objetivos explícitos: (a) promover o contato do aluno com n o mercado, oferecendo-lhe treinamento profissional, e (b) promover contato professor/aluno, através do qual as

---

\* Professora do Departamento de Psicologia da UFG.

experiências de treinamento profissional seriam integradas à prática do magistério. Em outras palavras, visava à formação de profissionais de psicossociologia para atuarem como professores, como pesquisadores e no mercado de trabalho. E essa formação se dava através de práticas concretas, nas quais o ensino, a pesquisa e a atuação direta no campo social se confundiam e se interpenetravam.

Idealmente, o grupo oferecia seus serviços no “mercado”. De fato, o principal “captador” de trabalhos era o chefe do setor, Célio Garcia. Era realmente ao redor dele, suave líder carismático, guia, mentor, idealizador e pai, que tudo se passava.

A própria oferta viria a se transformar, à medida que o grupo se auto-organizava diferentemente. *Grosso modo*, dos primeiros trabalhos, ligados à sociometria e à dinâmica de grupo, passou-se a práticas de intervenção psicossociológica e à socioanálise (análise institucional) e chegou-se às intervenções junto a comunidades.

A prática de pesquisa também se transformaria: pesquisa-ação (dentro do modelo lewiniano) e levantamentos socioeconômicos, pesquisas de opiniões e atitudes, sempre com coleta de dados estatísticos, num primeiro momento; estudos, também quantificados, de representações sociais, através da observação participante, entrevistas e análise do conteúdo de material qualitativo, num segundo momento; mais tarde, pesquisa participativa e estudo de comunidades discursivas através da análise do discurso.

As diferentes práticas eram discutidas por todos os membros do setor. Eram objeto de reflexão e, constantemente, eram levadas às salas de aula como exemplificação ou trabalho de curso. Por exemplo, vários alunos eram envolvidos quando se tratava de aplicação e codificação de questionários, entrevistas, observações e atividades correlatas.

O setor se reunia semanalmente, sempre nos sábados pela manhã. Os trabalhos em andamento eram discutidos e Os novos divididos, formando-se pequenas equipes encarregadas. Alguns eram de duração curta —um fim

de semana de dinâmica de grupo, por exemplo; outros duravam meses ou anos, como as intervenções junto a organizações. As equipes eram relativamente fixas e autônomas. Eventualmente cresciam, com a entrada de novos membros. As reuniões eram abertas a quem se interessasse. Mas, evidentemente, o setor tinha seus mecanismos não ditos de inclusão e de exclusão, quase sempre eficazes.

Tudo isso se inseriu em uma temporalidade. O início foi na segunda metade dos anos 60, quando a ditadura já se instalara no país. Havia a esperança de uma retomada democrática do poder. Os ecos de *abaixo o imperialismo* ainda eram fortes. E, no setor, o imperialismo era a ciência positiva, o experimento artificial de laboratório, os testes e medidas, os manuais norte-americanos. O setor trabalhava com a dinâmica de grupo adotando a perspectiva francesa de grupo de afirmação e a da psicanálise kleiniana do Instituto Tavistock, de Londres, chegada via França. Em sala de aula, fazia-se a demonstração de experimentos dos laboratórios norte-americanos, mas preferia-se o Teste das Bolinhas, de origem argentina, teste projetivo que visava ao estudo e à compreensão da dinâmica de grupos pequenos. Uma linda prancha de madeira e bolinhas coloridas de encaixe para desenhos eram o artefato do teste, semelhante ao dos experimentos, mas podendo ser, também, utilizado junto a grupos reais, terapêuticos, familiares e outros.

Em maio de 1968, o setor recebeu a primeira missão francesa. Em Paris, as barricadas estavam montadas. O setor seguia os acontecimentos com o mesmo interesse com que o fazia Max Pagès. Sob o olhar não diretivo do mestre francês, o setor viveu a vida afetiva dos grupos, contrapôs Rogers a Freud, se enamorou de si mesmo e todos se amaram profundamente. Havia também o movimento *hippie*, as roupas extravagantes e, na cidade, o Le Mocó, onde se dançava em cima das mesas. Não importa o tamanho do grupo, não importa onde está o grupo, dizia o amigo Max. Dançando também se aprendia a dinâmica dos grupos.

No final de 1968, clamava-se nas ruas que *o povo unido derruba a ditadura*. Os militares decretaram o AI-5 e começou a fase mais sombria da ditadura. O setor vivia, então, unido, nas ruas e nas suas práticas. A

perspectiva de 30 anos permite ver que uma pulsão de morte já atuava: um grau bem brasileiro de machismo, pressões para alinhamentos teóricos e políticos, tentativas de criar regras estritas e coercitivas de organização e partilha de recursos e postos.

Em 1969, André Lévy realizou a segunda missão cultural, que foi completamente diferente da primeira. Nada de Rogers, nada de não diretivismo, nada de festas extravagantes. Lévy enviara textos sobre intervenção psicossociológica, escritos por ele próprio, por Enriquez, Dubost e Rouchy. Os membros do setor os traduziram. Um seminário amplo foi organizado e “vendido no mercado”. Termos novos foram introduzidos: estruturas sociais, sentimentos coletivos inconscientes, representação de estruturas. Outros, já conhecidos, foram adotados para a esfera das organizações sociais: ansiedade, mecanismos de defesa, relações transferenciais entre participantes e monitor. Resultou que, ao modelo norte-americano, representado como imperialista, contrapôs-se outro modelo, também exógeno, um pouco estruturalista, bastante psicanalítico, e uma outra metodologia de ação, a intervenção psicossociológica. Dentro dessa perspectiva, o setor teve, nos anos seguintes, uma contribuição própria bastante relevante.

A próxima recomposição incluiu dois movimentos: uma adoção paulatina da análise institucional como teoria e metodologia de ação; a adoção dos chamados métodos qualitativos de pesquisa. As principais influências vieram de Lourau que, em 1970, acabara de publicar *A Análise Institucional*, que viria a ser traduzida para o português em 1975 e, em coautoria com Lapassade, publicara, em 1971, *Chaves da Sociologia*, livro traduzido em 1972. Os originais foram imediatamente estudados.

Em julho de 1971, o setor realizou o Seminário de Análise de Conteúdo que, de fato, foi principalmente uma introdução à análise do discurso. O seminário incluiu a discussão do livro de Michel Pechêux, de 1969, *Análise automática do discurso*, que viria a ser traduzido apenas em 1990. O livro traz uma crítica contundente à análise do conteúdo quantitativa e demonstra a utilização de descobertas da linguística para a

análise de textos. Pechêux trabalhava, então, com a Psicologia Social, elegendo a *ideologia* como seu objeto de estudo e a análise do discurso como o seu método. Informações e novos paradigmas científicos chegavam rapidamente ao setor graças às constantes viagens de Célio Garcia, a seus contatos internacionais e aos bolsistas do setor, em estudos no exterior. Nem todas as informações eram imediatamente absorvidas, mas sobrepunham-se a práticas, teorias e métodos já utilizados.

A missão francesa de 1972 trouxe Lapassade, a *autogestão* e a *provocação institucional*. Terminou a fase idílica de convívio caloroso do setor. Ao analisá-lo, Lapassade pôs o dedo no seu funcionamento hierárquico, até então oculto na *estrutura permissiva* ou organização *não estruturada* segundo a qual o setor se definia. O fim do mito dividiu o grupo: *brancos* (elitistas, conservadores, defensores da heterogestão, autorrepressores) e *pretos* (revolucionários, adeptos da autogestão). O setor ainda sobreviveria a essa divisão, não apenas porque havia, nele, *mulatos*, mas sobretudo porque, em um ponto, Lapassade errou em suas análises: o de que não existia tanto uma repressão real no país, mas antes uma autorrepressão que seria a razão pela qual não se lutava abertamente contra a ditadura e, por isso, ela persistia.

Naquele momento, já atuava outra divisão, não dita e não analisada, entre militância e trabalho científico. O espaço da militância era externo ao grupo e pessoal, mesmo havendo membros do setor militando juntos em partidos políticos instituídos e/ou clandestinos. Esse era o território da certeza, da crença e da palavra de ordem, pois o trabalho do militante é ser o porta-voz de uma verdade. O território da ciência era público, mesmo com as práticas e pesquisas transcorrendo em campo minado, o dos problemas e movimentos sociais. Esse espaço se pautava pela indagação e pela dúvida, pela busca sempre inacabada da verdade. Lapassade misturou os dois territórios. E havia repressão real; e havia brancos e pretos na militância; tanto uns quanto outros tiveram que recorrer à cautela nos anos que se seguiram. Isto não impediu o estudo e a divulgação da autogestão, da contracultura e da antipsiquiatria e a prática constante da indagação e da contestação.

O grupo não mais se amava. Pior ainda, se viu às voltas com uma rejeição feroz por parte do Departamento de Psicologia, no qual ele se inseria administrativamente. Nesse momento, o setor se idealizava como nunca: representava-se como iluminado (e como era obscuro!), como a fina flor da inteligência (e quantas besteiras fez!), como portador da solução para todos os problemas sociais e o escolhido para refundar a sociedade (quanta onipotência!).

Essa identidade coletiva narcísica não foi forte o bastante para instaurar, no setor, a xenofobia e o fanatismo, como se poderia esperar. Ao contrário, o grupo se voltou para fora de si e soube transformar a contestação da ordem em transgressão. Propôs outras coisas, foi inovador, trouxe novas ideias. Atesta isso a sua contribuição efetiva na reforma curricular do curso de Psicologia, em 1974, quando participou da derrubada do saber antigo. O currículo foi arejado com a introdução de disciplinas como ecologia humana, psicologia comunitária, psicolinguística, intervenção psicossociológica, psicanálise e linguagem, economia política, ética, entre outras. Práticas que o setor já vinha realizando, problemáticas pensadas, abordagens diferentes foram, não sem luta, institucionalizadas.

A vitória na batalha da reforma curricular deixou feridas. Trouxe o reconhecimento externo para as práticas pedagógicas que o setor já vinha realizando, mas, no mesmo lance, o colocou no fluxo do pensamento corrente. A transgressão criativa deixou de ser necessária. Acelerou-se a diáspora. A UFMG já não absorvia um número importante dos que passavam pelo setor, como acontecera nos primeiros anos (convém lembrar que, com a reforma da universidade brasileira, a UFMG praticamente dobrou de tamanho entre 1968 e 1973). Célio Garcia, cansado da limitação cada vez maior que lhe impunha sua lotação no Departamento de Psicologia, ligou-se ao Departamento de Filosofia. Muitos outros se foram, geralmente para carreiras profissionais bem-sucedidas, fora da universidade ou, ao menos, fora da UFMG.

Quando se iniciou a luta *pela anistia ampla, geral e irrestrita*, época do perdão, o setor estava fundido ao Departamento, institucionalizando-se.

Até que ponto o fim do grupo barulhento e interessante foi provocado pelo distanciamento de seu líder? Teria Canudos —o principal episódio analisador da história do Brasil— sobrevivido a Antônio Conselheiro? Canudos morreu a ferro e fogo. Até que ponto a *causa mortis* do setor não foi, também, uma destruição que veio do exterior, provocada pelo Departamento, e talvez acelerada pela corrosão interna, simples entropia?

As aulas continuaram a ser dadas, as reuniões continuaram a ser feitas. Discutia-se teoria —a representação social vinha sendo eleita hegemônica e havia pressão sobre os transgressores dessa nova ordem. Havia alguns venenos e intrigas, lutas por espaço, queimações, competições por postos e títulos. Depois veio a proposta de ter a psicanálise como teoria condutora. Dessa vez, a divisão do grupo foi mais completa e definitiva: houve os que abraçaram a psicanálise totalmente, afastando-se da Psicologia Social que vinha sendo feita; os que passaram a fazer uma leitura da Psicologia Social à luz da psicanálise e os que, rejeitando completamente a teoria psicanalítica, prosseguiram no fluxo das representações sociais.

Quando veio o clamor por *diretas já*, o grupo que se desejara sempre instituinte não mais existia. Os membros que finalmente se burocratizaram ocuparam postos de poder na administração e, no final da década de 80, quando a democracia já estava restabelecida no país, uns poucos participaram da criação do Mestrado em Psicologia Social. Mas, não se falou mais em grandes mudanças, adotou-se a ciência em curso.

O setor nasceu e morreu como diversos outros grupos. A partir da teorização de Sartre, pode-se dizer que ele se descolou da serialidade, entrou em fusão, prestou juramentos, viveu o terror, a institucionalização e a burocracia e, finalmente, seus membros voltaram à serialidade.

Numa análise mais sócio-histórica, pode-se acentuar seu caráter contingente e dizer que ele se compôs e recompôs de diversas formas, cada uma representada como permanente, mas sempre imaginária, sempre instituinte.



Na memória dos que o vivenciaram, ele é o grupo que se despregou da formação coletiva e soube transgredir, quando era necessário fazê-lo. Com todas as suas dificuldades, ele foi capaz de se abrir para o mundo e viver a diversidade; é digno de ser lembrado, agora, nesta época de pensamento único e de fundamentalismos religiosos e políticos.

### *Referências bibliográficas*

- ARANTES, E.M.M. *Memorial*. Rio de Janeiro: UERJ, novembro de 1991.
- CASTORIADIS, C. *L'institution imaginaire de la société*. Paris: Seuil, 1975.  
Trad. Bras.: CASTORIADIS, C. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DOCUMENTOS E APOSTILAS DO SETOR DE PSICOLOGIA SOCIAL — 1967–1980 (*mimeo*).
- ENRIQUEZ, E. *De la horde à l'Etat. Essai de psychanalyse du lien social*. Paris: Gallimard, 1983. Trad. Bras.: ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Le lien groupal*. *Bulletin de Psychologie*, Tome XXXVI, 1982–1983. Trad. Bras.: “O vínculo grupai” in MATA-MACHADO, M.N. *et al* (org.). *Psicossociologia. Análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. “Le fanatisme religieux et politique” in *Connexions* 55, 1990a. Trad. Bras.: “O fanatismo religioso e político” in MATA-MACHADO, M.N. *et al* (org.) *Psicossociologia. Análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LEVY, A. “Groupes et analyse de groupe: la question de la croyance”. *Revue française de Psychanalyse*, 1999.